

**Teorias e práticas
sobre a paisagem:
Cultura, Natureza
e Ambiente**

PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE GILBERTO FREYRE NOS ANOS 1920 E 1930

Thomas D. Rogers

Resumo

Este artigo traça um elemento do pensamento de Gilberto Freyre entre o período do seu retorno ao Brasil, nos anos 1920, e a publicação de suas grandes obras na década seguinte. Aborda o conceito de “paisagem” e o uso que ele fez dessa noção, bem como as influências desse conceito no seu pensamento geográfico. O trabalho situa Freyre dentro de duas gerações intelectuais: a sua própria e uma anterior, caracterizada pelas idéias de Joaquim Nabuco.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Geografia; História intelectual; Paisagem; Zona da Mata pernambucana.

Abstract

This article traces an element of Gilberto Freyre's thought between the period of his return to Brazil in the 1920's and the publication of his major works in the next decade. It treats the concept of “landscape”, the use Freyre makes of this notion, and the influences of his geographic thought. The article situates Freyre within two intellectual generations: his own and an earlier one, characterized by ideas of Joaquim Nabuco.

Keywords: Gilberto Freyre; Geography; Intellectual history; Landscape; Pernambuco Forest Area.

Introdução

Este artigo tem a modesta aspiração de traçar um elemento do pensamento de Gilberto Freyre entre o período de seu retorno ao Brasil nos anos 1920 e a publicação de suas grandes obras na década seguinte. Naqueles livros, Freyre apresenta uma imagem da paisagem da zona da mata nordestina. Ele derivou seu conceito de paisagem de várias fontes: a visão histórica e sociológica da importância do Nordeste, sua leitura de geógrafos Norte-Atlânticos, e as idéias dos seus heróis intelectuais e de seus contemporâneos. Ele viu a paisagem como uma expressão do impacto de uma sociedade no meio ambiente e o arquivo da influência do meio ambiente sobre a sociedade e ele voltou várias vezes a essa dialética, descrevendo-a como uma paisagem (ou, às vezes, como uma “região,” no sentido geográfico do termo). O artigo utiliza o diário de Freyre, bem como ensaios dos anos 20 e seus livros importantes dos anos 30 para apresentar suas idéias geográficas. Seu pensamento geográfico, um tema central da obra, pode ser considerado uma contribuição à história intelectual do Brasil equivalente a sua promoção da democracia racial e a valorização da miscigenação.

O artigo complementa a obra de Durval Muniz de Albuquerque, que analisou “a invenção do Nordeste,” e um artigo de Mateus Samico sobre “Trópico, natureza e História em Gilberto Freyre.”¹ O presente trabalho aborda o conteúdo especificamente geográfico do pensamento de Freyre, bem como várias influências importantes, e avalia o impacto de sua evocação da paisagem do Nordeste.² No seu prefácio às memórias

¹ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Editora Massangana, 1999. ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. “Weaving Tradition: The Invention of the Brazilian Northeast”. In: *Latin American Perspectives*, 31:2, 2004, pp. 42-61. SIMON, Mateus Samico. “Trópico, natureza e história em Gilberto Freyre”. In: *Cadernos de História: Oficina de história*. Ano VI, número 6. Recife: EDUFPE, 2009, pp. 72-101.

² Durval Albuquerque faz uma boa análise do projeto coletivo de um grupo de intelectuais no início do século XX para desenvolver uma imagem específica do Nordeste. Stanley Blake também estuda idéias do Nordeste neste período. BLAKE, Stanley Earl. *The Invention of the Nordeste: Race, Region, and Identity in Northeastern Brazil, 1889-1945*. Ph.D. Dissertation at SUNY-Stony Brook, 2001.

de um amigo e senhor de engenho—Júlio Bello—Freyre opina que “*desapareceu quase todo o lirismo nas relações do homem com a paisagem*” e avisou que na zona da mata “*ou se restabelece o equilíbrio entre a gente e a natureza...ou o homem se degrada aos últimos extremos*.”³ Ele queria apresentar uma imagem da paisagem em equilíbrio—uma apresentação do passado da região e as tradições que implicaram um entendimento particular da paisagem açucareira. A História era central ao seu projeto de moldar a imagem normativa da zona. Albuquerque escreve que Freyre e outros intelectuais aliados, os regionalistas, compreendiam história como “*o lugar onde a memória foi produzida, como um discurso de reminiscência e reconhecimento*.”⁴ O lugar de memória é claro na obra de Freyre; o que é menos mencionado é o modo como ele acessou suas memórias (reais ou construídas), através da paisagem.

Buscando o verdadeiro Brasil na década de 20

Nos seus livros Freyre valorizava e elogiava a Zona da Mata—a área açucareira—apesar do fato de ter passado a vida na cidade. Já um homem de idade, mudou para o subúrbio de Apipucos que havia sido parte de um engenho de açúcar. Antes, as experiências de Freyre na zona da mata haviam sido restritas a visitas raras com membros da família.⁵ Seu pai era do Recife, pelo menos uma geração removida da vida nos engenhos. Mas desde cedo Freyre foi interessado na importância de apresentar “a natureza na literatura” e foi atraído à zona açucareira. Numa entrada de 1920 no seu diário, ele louvou Goethe, e opinou que a recriação da natureza em prosa (uma habilidade que reconheceu no escritor alemão) era uma “*arte imensamente mais poderosa que a de criar tipos*.”⁶

³ FREYRE, Gilberto. “Prefácio”. In BELLO, Júlio. *Memórias de um senhor de engenho*. Recife: FUNDARPE, 1985, p. xv. Um trecho quase idêntico aparece em FREYRE, Gilberto. *Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 6a ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989, p. 164.

⁴ ALBUQUERQUE, Durval. “Weaving Tradition”. Op. cit., p. 54 (minha tradução do inglês).

⁵ Um biógrafo anota que Freyre, quando tinha nove anos, passou férias num engenho de um parente. CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife: Editora Massangana, 1993, p. 37.

⁶ FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. 2a edição revista. São Paulo: Global Editora, 2006, p. 76.

Esta observação foi um sinal de que ele valorizava essa conexão entre escrito e “natureza,” ou mais especificamente os aspectos do meio ambiente que foram importantes e relevantes para a sociedade. E ele fez essa entrada no diário precisamente no momento em que estava formulando e planejando um grande projeto sobre a história da infância no Brasil. Mais tarde, ele iria mudar o projeto a uma investigação da história colonial e produziu o livro *Casa-grande e senzala*. Mas é interessante que exatamente no momento em que ele estava pensando nessa obra ambiciosa, fez esse comentário sobre a importância e o poder de escrever sobre natureza.

Nos últimos dez anos, Regina Horta Duarte e J. M. Froehlich, em estudos pequenos, têm caracterizado Freyre como um historiador ambiental *avant la lettre*.⁷ Décadas depois, Freyre refletiu sobre as primeiras obras, e até as rumações da mocidade, e afirmou-se um “ecólogo” desde cedo. Porém, como Mateus Samico demonstrou, esta auto-avaliação foi produto de um certo grau de revisionismo, uma criação após o fato.⁸ Nas décadas de 20 e 30, com algumas exceções, os comentários dele sobre o meio ambiente foram enraizados na cultura humana; ele foi um analista da paisagem. De fato, ele acompanhou os desenvolvimentos de debates dentro da disciplina da geografia sobre este conceito. Até *Nordeste*, o livro de 1937 que pretendia ser um “estudo ecológico” da Zona da Mata, teve poucas fontes ambientais, como Sergio Milliet anotou no momento.⁹ Milliet escreveu numa resenha que os poucos documentos que Freyre usou não permitiram que ele “*estudar ecologicamente o Nordeste agrário nem a civilização do açúcar. O quadro luminoso e gostoso, literariamente, nada tem de ecológico. É um lindo romance com paginas e capítulos empolgantes, como aqueles*

⁷ DUARTE, Regina Horta. “Por um pensamento ambiental histórico: o caso do Brasil”. *Luso-Brazilian Review* 41, No 2, 2005, pp.144-161; FROEHLICH, J. M. “Gilberto Freyre, a história ambiental e a ‘rurbanização’”. In: *História, Ciências, Saúde—Manguinhos* 7, No 2. 2000, p. 23.

⁸ SAMICO, Mateus Simon. “Trópico, natureza...” Op. cit., pp. 76-81.

⁹ FREYRE, Gilberto. *Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.

sobre a influência da água ou sobre a cana e a terra.”¹⁰ Mas embora Freyre não fosse um historiador do meio ambiente, com certeza tinha grande interesse na análise geográfica da Zona da Mata, a região que ele considerava a mais importante do Brasil. E foi essa região que chamou a sua atenção quando ele voltou para Pernambuco em 1923.

Depois de quatro anos de universidade nos Estados Unidos e viagens pela Europa, Freyre voltou para Recife e encontrou uma sociedade em transição. Na indústria açucareira, o sistema de usinas estava se consolidando, resultando na absorção de muitos engenhos, a acelerada construção de ferrovias, e a expansão do território plantado em cana. Até 1900, mais que 600 quilômetros de linha de ferro ligaram a Zona da Mata com o Recife e 80 por cento do açúcar do Estado chegou ao porto por ferrovia. Da década de 1880 até 1910, mais de sessenta usinas foram construídas na Zona da Mata. Ainda existiam engenhos, mas as usinas foram responsáveis por um aumento na produção de açúcar de cinquenta por cento durante esse período.¹¹ Entre a metade do século XIX e 1930, a área plantada em cana aumentou quase 400 por cento. E a produção de açúcar em Pernambuco mais do que dobrou nos trinta anos seguintes.¹² Essas mudanças agrícolas e industriais tiveram um impacto ambiental visível, e também geraram tensões políticas e sociais.¹³ Na sua obra intelectual, Freyre respondeu a essas transformações.

Como parte desse processo, o autor olhou a velha elite de senhores de engenho em decadência. Ele estava preocupado com a erosão da tradição que vinha com as mudanças, e as transformações no tecido social da região. No seu diário, escreveu sobre a luta de reintegrar-se no Recife depois do tempo fora e discutiu com novo entusiasmo,

¹⁰ HANKE, Lewis “Gilberto Freyre: historiador social brasileiro”. In: *Revista Hispânica Moderna* 5, No 2. April 1939, p. 115.

¹¹ EISENBERG, Peter L. *The Sugar Industry in Pernambuco: Modernization without Change, 1840-1910*. Berkeley: University of California Press, 1974, pp. 52-55; 108-111, 123.

¹² CABRAL, Pedro Eugênio Toledo. “O processo de proletarianização do trabalhador canavieiro de Pernambuco”. In: *Revista Pernambucana de Desenvolvimento* 11, No 2/12, no. 1, 1984/1986, p. 170.

¹³ EISENBERG, Peter L. *The Sugar Industry...* Op. cit., p. 118.

aspectos da cultura pernambucana que ele não apreciava antes. Ele ficou frustrado por alegações de que voltou “europeizado”, e reivindicou “*A verdade é que eu é que me sinto identificado com que o Brasil tem de mais brasileiro.*” “*Minha decisão está tomada,*” declarou, “*é reintegrar-me completamente no Brasil. Atolar-me na sua carne e no seu massapê.*”¹⁴ Ele exultou os prazeres de comungar intimamente com a paisagem dos trópicos e escreveu sobre a vontade de “*entrar em maior harmonia com a natureza brasileira que é uma natureza agrestemente voluptuosa.*”¹⁵ Para ele, essa paisagem foi a paisagem da meninice, ou pelo menos das boas lembranças das visitas que ele fez como menino à Zona da Mata. “*Um dos meus maiores desejos agora,*” escreveu, descrevendo sua nova perspectiva, “*é rever o São Severino dos Ramos, o engenho da minha meninice.*”¹⁶

Uma leitura do diário de Freyre deixa claro que uma categoria das coisas “mais brasileiras” foram os engenhos de açúcar e sua cultura. Durante uma visita de 1924 do seu amigo Francis Butler Simkins, Freyre observou que o homem de Carolina do Sul tinha uma estética romântica e o trouxe a uma casa-grande na Zona da Mata sul, possuído por um velho senhor, “*igualmente com alguma coisa de romântico na sua fidalguia de senhor rural.*”¹⁷ Freyre opinou que uma casa-grande deve ser situada perfeitamente no seu ambiente, incorporada na paisagem como um elemento natural, bem como a família morando dentro deve comandar a região como um direito natural.¹⁸ As ligações entre a paisagem, o espaço físico do sistema produtivo, e o poder das famílias quase aristocráticas foram, para Freyre, os ligamentos da sociedade tradicional. Em 1925, escreveu no diário sobre outra excursão à Mata Sul. Visitou um engenho perto do Rio Una e compartilhou um jantar

¹⁴ FREYRE, Gilberto. *Tempo morto*. Op. cit., pp. 186-195.

¹⁵ Idem, pp. 172-173.

¹⁶ Idem, p. 184. Já no diário do jovem, então, vejamos os sinais de um passado construído; aquele “engenho da minha meninice” foi o engenho de um parente que ele visitou.

¹⁷ Idem, pp. 201-202.

¹⁸ Idem, p. 158; FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, 1918 a 1926*. Ed. José Antônio Gonsalves de Mello. São Paulo: IBRASA, 1979, pp. 362-363.

com um senhor. Explicou que quando era criança tinha ouvido sobre o Una e os camarões legendários do rio. Vendo as vilas da área, com os nomes conhecidos e as suas histórias e comendo camarões, Freyre confessou um sentido profundo de *déjà vu*. Lembrou empaticamente de todo o folclore da Zona da Mata que aprendera como criança e sentiu o passado do local.¹⁹

Freyre passou muito tempo no engenho do seu amigo Pedro Paranhos, um homem semelhante a muitos amigos de Freyre, como ele reconheceu no seu diário: “gente muito mais velha do que eu.” Freyre escreveu que gostou de acordar, “com o vigia chamando o senhor, como nos velhos tempos: ‘Coronel Pedrinho! Coronel Pedrinho!’” Foi lá, no engenho dos Paranhos, onde Freyre observou que “No trópico é quando a paisagem se deixa ver melhor: na madrugada. Quem não conhece o trópico de madrugada não sabe o que é sua paisagem: seu encanto mais íntimo.” Freyre resolveu trazer seu amigo Simkins para o engenho dos Paranhos, para experimentar o ambiente do passado e conhecer a verdadeira paisagem dos trópicos e da região açucareira.²⁰

Pouco tempo depois da visita de Simkins, Freyre viajou para a Zona da Mata Norte até o Estado da Paraíba com seu amigo, o escritor José Lins do Rego. Anos depois, Lins do Rego relatou sua antecipação nervosa da reação de Freyre à “minha gente e minha terra,” a paisagem da juventude do romancista. Esses engenhos eram o local prosaico da história familiar de Lins do Rego, esfarrapado em comparação com o Recife em vias de modernização. Mas para sua surpresa, Freyre ficou encantado. “*Os canaviais, os velhos engenhos, os tios, as tias, e tudo,*” escreveu Lins do Rego, “*foi mais interessante para ele que eu pensei possível.*” O romancista levou seu amigo com medo que a viagem fosse uma decepção, mas, ao contrário, ele gostou muito.²¹ Freyre descreveu a viagem no seu diário, notando com satisfação que, depois daquela

¹⁹ FREYRE, Gilberto. *Tempo morto*. Op. cit., p. 243.

²⁰ Idem, pp. 244-245.

²¹ RÊGO, José Lins do. “Notas sobre Gilberto Freyre”. In FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 15.

excursão, ele tinha visto toda parte da Zona da Mata pernambucana.²² A viagem aconteceu cedo numa amizade que seria importante para ambos os homens. Freyre valorizava Lins do Rego como uma voz importante da sua geração.

Vejam os múltiplos aspectos dos seus planos e vontade de “atolar-se” no coração do Brasil mais brasileiro. De um lado, estavam os aspectos mais acadêmicos ou intelectuais; de outro, havia o aspecto mais visceral, do âmbito de emoções e sentimentos. O *déjà vu* na beira do Una e a viagem romântica com Simkins vieram desse segundo lado. Ele era obsessivo no assunto da memória e queria recriar uma imagem de um mundo passado. Em 1924, Freyre escreveu no diário que Marcel Proust expressava um sentido poderoso de *histoire intime*, que “*eu vinha desde 1922 procurando aplicar à minha tentativa de uma análise, evocação e revelação da vida de menino no Brasil.*”²³ Na sua caça às coisas mais autênticas e tradicionais do Brasil, podemos ver o esboço do desenvolvimento intelectual de Freyre (ou parte da trajetória, pelo menos). Sugiro que essas idéias nos anos depois do seu retorno ao Brasil foram formativas nas direções que ele seguiu na esfera mais acadêmica (embora a linha entre o lado pessoal e o lado intelectual para Freyre não fosse clara).

Como é bem conhecido, Freyre escreveu uma tese de mestrado na Universidade Columbia sobre a história da família brasileira no século XIX. Ele nunca realizou os planos para expandir a tese num livro sobre a história da infância no Brasil, mas muito da pesquisa que ele fez para aquele livro foi útil para *Casa-grande e senzala*.²⁴ E foi exatamente nesses anos da década de 20 que ele fez uma transformação do projeto do mestrado para uma história da família brasileira nos tempos coloniais. Jeffrey Needell aponta para o ensaio “Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil”, publicado em 1925, como

²² FREYRE, Gilberto. *Tempo Morto*. Op. cit., p.157; BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit., p. xiv.

²³ FREYRE, Gilberto. *Tempo morto*. Op. cit., pp. 198-199.

²⁴ NEEDELL, Jeffrey D. “Identity, Race, Gender, and Modernity in the Origins of Gilberto Freyre’s *Oeuvre*”. In *American Historical Review*, vol. 100, nr 1, Feb. 1995, p. 64. ALBUQUERQUE, Durval. “Weaving Tradition”. Op. cit., pp. 55-57.

um momento de transição entre as ideias. O que é importante aqui são as influências (inclusive Proust), o desenvolvimento do pensamento de Freyre e a vontade dele de examinar a história da juventude, em parte um impulso derivado das experiências dele na Zona da Mata.

Freyre viu Proust, e seu estilo simultaneamente poético e “científico,” como “*o historiador ideal do que há de mais íntimo no passado de um povo.*”²⁵ Freyre voltou a referenciar Proust no diário no ano de 1926, na ocasião de uma viagem ao Rio de Janeiro. Ele descreveu a idéia deste autor de um “artista-cientista” que dá a certas coisas do passado uma “alma” ou “existência própria” e os descreve para evocar um sentido de história e biografia. Freyre ligou essa idéia à noção de que ele já havia estado no Rio, uma cidade que na realidade jamais conhecera. As experiências de parentes distantes, e as contribuições deles à história da família “*foram transmitidas à minha meninice com tal vivacidade que se tornaram fluidos; e, nesse estado de fluidez e de movimento, se tornaram parte do meu próprio passado de menino provinciano, agora projetado sobre o meu presente.*”²⁶ Finalmente, Freyre escreveu na introdução de *Casa-grande*, “*O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana... dentro dela é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o ‘tempo perdido’.*”²⁷

²⁵ FREYRE, Gilberto. *Tempo Morto*. Op. cit., p. 199.

²⁶ Idem, p. 258.

²⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 14a edição. Recife: Imprensa Oficial, 1966. Tomo I, p. xliii. Needell aponta também para esta passagem.

Paisagem em histórias individuais e coletivas de Freyre e seus contemporâneos

Discursando em frente de uma audiência em Paraíba em 1924, Freyre disse que cada geração tem um espírito e consciência de si e confessou ter um agudo senso desse espírito.²⁸ Ele sentiu uma poderosa afinidade para com outros intelectuais proeminentes de seu tempo, inclusive Lins do Rego, Paulo Prado, e José Américo Almeida. Na introdução à primeira edição de *Casa-grande e senzala*, ele voltou a esse tema, escrevendo “*Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares.*”²⁹ Vamos tratar daquela geração em breve, mas primeiro é necessário apontar para outra geração: Freyre também era levado a uma geração anterior, de seu conterrâneo Joaquim Nabuco. Viu aquele período (Nabuco nasceu em 1849 e faleceu em 1904) como um tempo de transformação decisiva no Brasil, das raízes tradicionais e agrários a uma nova realidade comercial de modernidade.³⁰ O escritor e sociólogo percebia no grande abolicionista um modelo intelectual, o “*exemplo perfeito.*”³¹

²⁸ “Apologia pro Generatione Sua”. In FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Op. cit., p. 55.

²⁹ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 56. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Tomo I. Op. cit., p. xxv.

³⁰ A terceira obra grande – *Ordem e progresso* – era um estudo desta época e as mudanças que trouxe ao Brasil através da abolição da escravidão, estabelecimento da república, e intensificação de comércio. COUTINHO, Odilon Ribeiro “Gilberto e Nabuco”. ANDRADE, Manuel Correia de e Tereza Cristina de Sousa DANTAS Orgs). *Nabuco e a federação*. Recife: Editora Massangana, 1992, pp. 55-56. Pallares-Burke anota que Freyre re-leu Herbert Spencer enquanto estava pesquisando seu projeto sobre mocidade no Brasil em 1925. O interesse de Freyre em Spencer, quem exerceu tão grande impacto no final do século XIX, pode ser explicado através de seu fascínio com a geração de Nabuco. Pallares-Burke observa que a popularidade de Spencer pode surpreender muita gente de hoje, mas que foi um fato importante para a história de idéias. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos”. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon & Claude LÉPINE, Fernanda Arêas PEIXOTO (Orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Baurur: EDUSC, 2003, pp. 85, 103.

³¹ LIMA, Mário Hélio Gomes de “A histórico do Brasil como realmente foi e é”. In: DANTAS, Elisalva Madruga & BRITTO Jomard Muniz de (Orgs.) *Interpenetrações do Brasil: Encontros e Desencontros*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002, p. 52.

Freyre cumprimentou Nabuco pelo seu reconhecimento da ligação entre o homem e a terra, e sugeriu que ele escrevia com um “*vigor telúrico*” sobre uma região “*dos Brasis mais adoçados pelo açúcar e pelo negro*.”³² Ele estava impressionado pela afinidade do velho político com a paisagem açucareira e pelo entendimento intuitivo dele da essência humana do Brasil. Observou no seu diário: “*Em Nabuco começou a haver essa identificação de intelectual e de homem público com o elemento ‘popular’ e, ao mesmo tempo, tradicional, do seu país.*”³³ Freyre repetiu várias das fórmulas chaves de Nabuco sobre o relacionamento entre a sociedade e o meio ambiente. Foi o abolicionista quem caracterizou a escravidão como um assalto contra a natureza, e essas ideias ressoaram com Freyre e seu próprio pensamento sobre a conexão entre sociedade e meio ambiente. Conhecidamente, Freyre separou a cultura humana de características supostamente “raciais,” uma lição que aprendeu com Franz Boas. Ele escreveu no prefácio a *Casa-grande* que “*Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influencias sociais, de herança cultural e de meio.*”³⁴ Rotineiramente citado como um exemplo da influência de Boas e reconhecido como tal pelo brasileiro, essa ideia também existe no pensamento de Nabuco. Freyre escreveu em *Casa-grande* sobre a necessidade de distinguir “*entre a influência pura do negro (que é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo.*” Ele continuou a citar Nabuco: “*Em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativo,*” escreveu Joaquim Nabuco em 1881.”³⁵

³² FREYRE, Gilberto. “Introdução à 9a Edição” e “Introdução à 10a Edição”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981 [1900], pp. 20 e 11.

³³ FREYRE, Gilberto. *Tempo Morto*. Op. cit., p. 128.

³⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo I. Op. cit., p. xxv. Há outra referência a essa diferenciação em PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano”. Op. cit., p. 95. Também ver BORGES, Dain. “Como e por que a escravidão voltou à consciência nacional na década de 30,” no mesmo volume, p. 217.

³⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo II. Op. cit., p. 339.

Freyre queria proteger, ou voltar para, uma paisagem moldada por relações hierárquicas de poder. De novo, suas ideias encontraram raízes no pensamento do abolicionista. No fim da sua vida, depois de décadas de ativismo em prol da abolição, Nabuco invocou seus laços com as canaviais e morros de Pernambuco em termos que refletiam uma visão nostálgica da paisagem da região. Na sua autobiografia, publicada em 1900, ele afirmou nunca ter ido além às suas impressões da infância: “Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva.”³⁶ Numa introdução à edição de 1961 do livro, Freyre expressa um desejo de mais reminiscências sobre a infância de Nabuco no Engenho Massangana. Ele descreve um tempo, e uma paisagem, com o qual Freyre obviamente se identificou. “Da paisagem que Minha Formação evoca não há exagero em dizer-se que é a mais brasileira das paisagens,” Freyre escreve.³⁷ Nabuco tinha emoções contraditórias sobre essa paisagem “mais brasileira”, lutando contra o lado trágico mas também celebrando sua própria nostalgia. Freyre sentia como Nabuco saudades para um passado imperfeito mas familiar.³⁸

Um dos amigos que compartilhava esse sentimento com Freyre era Lins do Rego. Os projetos dos amigos coincidiram durante o curso das suas vidas nos anos 30. Num elogio escrito para o escritor, Freyre admitiu que “sua vida transbordou de tal maneira na minha que desde que o conheci deixei de ser um só para ser quase dois.” “Sei que influi e muito sobre ele,” ele continuou, “Mas sei também que fui influenciado por ele.”³⁹

³⁶ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Op. cit., p. 129.

³⁷ FREYRE, Gilberto. “Introdução à 9a Edição”. In NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Op. cit., p. 10.

³⁸ Albuquerque descreve a construção de Freyre e sua geração de uma identidade regional específica, caracterizada por nostalgia e idéias sobre a distribuição conveniente de poder. Mas ele restrita a “invenção” do Nordeste ao âmbito de discurso. Seu tema, escreve, é “spatial identity,” em vez de uma realidade material. Eu acho também importante o elemento material, invocado por Freyre na categoria de paisagem. ALBUQUERQUE, Durval. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massangana/ São Paulo: Cortez, 2006, p. 22.

³⁹ FONSECA, Edson Nery da. “Aventura e rotina das amizades: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Odilon Ribeiro Coutinho”. Op. cit., pp. 30-31.

A viagem dos amigos através da Zona da Mata em 1924 foi importante para os dois. Com já vimos, Freyre o referenciou no seu diário, e Lins do Rego produziu vários ecos da viagem nos seus romances. Mais do que um de seus protagonistas é compelido por um amigo da cidade para tomar um novo olhar sobre o seu entorno. O romancista relata terem sido convocados por Freyre para dar uma olhada em seus artigos de jornal. O sociólogo viu “*algo que lhe interessava*” nas peças e assim, Lins do Rego escreve: “*minha educação com o mestre da minha idade começou sem que eu percebesse as lições.*” Ele começou a imitar o estilo do amigo antes de desenvolver seu estilo próprio.⁴⁰ Nascido um ano depois de Freyre, Lins do Rego alcançou uma fama substancial para seus livros nostálgicos, evocativos, e completamente autobiográficos sobre a região da cana de açúcar.

Começando com a publicação em 1932 de *Menino de engenho*, Lins do Rego produziu uma serie de romances, ensaios, e memórias que alcançaram um status importante no imaginário da zona açucareira, em parte por que os livros se tornaram ubíquos nos currículos de escolas. Seus romances apresentam o meio ambiente, regime de trabalho, e mudanças do final do século XIX e primeiras décadas do século XX numa maneira que complementa a obra de Freyre. *Menino de engenho* foi o primeiro de uma sequência de cinco romances que vieram a ser chamados o “Ciclo de Açúcar,” com a última publicada em 1936.⁴¹ O romance mais aclamado, *Fogo morto*, apareceu em 1943 e depois ele escreveu na maioria das vezes ensaios curtos, ficcionais e autobiográficos, até seu falecimento em 1957.⁴²

⁴⁰ RÊGO, José Lins do. “Notas sobre Gilberto Freyre”. In FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Op. cit., p. 10. Freyre sabia bem que exercia uma influência importante sobre Lins do Rego. Numa entrada no diário no fim de 1925, escreve: “Tanto J. L. do R., como O. M., como A. F. vêm me imitando – eles, dentre vários outros, de menor porte – o estilo, a forma, a própria pontuação. Sei que tenho um etilo ou uma forma e um ritmo que se define em parte pela pontuação.” FREYRE, Gilberto. *Tempo morto*. Op. cit., pp. 247-248.

⁴¹ Os outros romances são: *Doidinho*, *Banguê*, *Moleque Ricardo*, e *Usina*.

⁴² José Aderaldo Castello afirma que *Fogo morto* fez parte do ciclo. CASTELLO, José Aderaldo. “Origens e significado de *Menino de Engenho*”. In: RÊGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 36 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 30.

Lins do Rego e Freyre escreveram prefácios para a autobiografia, publicada em 1935, de um velho senhor de engenho e suas descrições do senhor, combinadas com as próprias idéias escritos nas memórias, indicam mais uma convergência na sua visão da paisagem açucareira.⁴³ Júlio Bello foi um senhor de engenho no velho modo, para Freyre um exemplo do patrimônio cultural da paisagem açucareira. Enquanto Lins do Rego cresceu no outro lado do Rio Paraíba de Pernambuco, Bello era da beira do Rio Persinunga, que forma a fronteira sul de Pernambuco, com o estado de Alagoas. Bello nasceu em 1873 (entre o nascimento de Nabuco e o nascimento de Freyre) no Engenho Tentugal no município de Barreiros.⁴⁴ Depois de frequentar escola no Rio de Janeiro, Bello voltou para a “*casa patriarcal*” e assumiu o papel do pai como mestre do Engenho Queimadas.⁴⁵ Ele dedicou sua autobiografia “*aos meus colegas, os derradeiros Senhores de Engenho do Nordeste*,” e lamentou que o engenho clássico era uma figura anacrônica, “*Não é mais...que uma sombra que a industrialização das terras vai apagando rapidamente.*”⁴⁶

Bello, Lins do Rego, e Freyre deploraram o processo de industrialização do setor açucareiro. Freyre observou no prefácio do livro de Bello que “*não há duvida que sob o patriarcalismo dos velhos engenhos houve, em geral, melhor assistência ao trabalhador que na grande maioria das usinas de hoje.*”⁴⁷ E como Freyre pensava que a exploração humana estava ligada à exploração ambiental, a implicação é que os engenhos também eram mordomos melhores das terras. No Ciclo de Açúcar, Lins do Rego representa as usinas como grandes maus morais: consomem terra, destroem o balanço da vida nos engenhos, expulsam trabalhadores comuns, e dominam as vidas dos seus donos. Um protagonista de Lins do Rego pensa nas mudanças que viriam depois da venda do seu engenho para uma usina: “*Amanhã, uma chaminé de*

⁴³ FREYRE, Gilberto. “Prefácio” e RÊGO “Prefácio”. In: BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit.

⁴⁴ SILVA, Leonardo Dantas. “Nota do editor”. In: BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit., p. vii.

⁴⁵ BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit., p. 85. Freyre passou tempo em Queimadas, e lá escreveu a introdução de *Nordeste*. FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Op. cit., p. 21.

⁴⁶ BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit., pp. xi e 162.

⁴⁷ Idem, p. xiv.

*usina dominaria as cajazeiras. Os paus-d'arcos não dariam mais flores porque precisavam de terra para cana. E os cabras de eito acordariam com o apito grosso da usina. E a terra iria saber o que era trabalhar para usina. E os moleques o que era fome.*⁴⁸ Bello menciona que para ele uma usina não é uma unidade comercial mas “*um sentimento. É o monopólio, o açambarcamento das terras.*”⁴⁹

Lins do Rego e Bello caracterizavam as transformações do período através dos efeitos na terra, ligando mudanças na estrutura social às mudanças na paisagem. A referência de Bello à “*industrialização*” da terra foi, na realidade, um motivo que ele usava frequentemente para descrever todas as transformações do seu mundo, inclusive o desenvolvimento e crescente dominância das usinas e a degradação da paisagem.⁵⁰ “*As próprias terras parecem protestar contra o absenteísmo de seus naturais proprietários e, avaras, se encolhem e se recusam aos novos donos como mulheres honestas a conquistadores.*”⁵¹ Nesse trecho, uma crônica e uma predição, ele apresenta as mudanças ambientais e sociais como um complexo multifacetado. No seu próprio engenho, anotou, ele preservara alguma mata.⁵² Este gesto aparece num romance de Lins do Rego também; a versão ficcional do avô dele impediu qualquer incursões em sua floresta—“*ninguém lhe tocava num capão de mato, que era mesmo que arrancar um pedaço se seu corpo.*”⁵³

Um acadêmico mistifica a conexão entre Bello e “*a terra do massapê e a paisagem dos partidos de cana*” e chama o livro “*um verdadeiro catecismo de ecologia, onde os valores da natureza, pintados com um talento de mestre, são cultuados como se fosse uma religião.*”⁵⁴

⁴⁸ RÊGO, José Lins do. *Banguê*. 9a edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 206.

⁴⁹ BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit., p. 59.

⁵⁰ Idem, pp. 59, 162 e 186.

⁵¹ Idem, p. 228.

⁵² Idem, p. 142.

⁵³ RÊGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Op. cit., p. 68. No final do ciclo de açúcar, no romance *Usina*, a falta de controle e poder do tio Juca é simbolizada por sua incapacidade de prevenir a derruba de árvores na sua mata. RÊGO, José Lins do. *Usina*. 2a edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p. 313.

⁵⁴ SILVA, Leonardo Dantas. “Nota do editor”. In: BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit., p. vii.

Luciano Trigo descreve como a “*visão ecológica*” de Lins do Rego todas as referências dentro do Ciclo de Açúcar à destruição feita pela indústria moderna de açúcar e às características boas de natureza.⁵⁵ Mas Trigo avisa que o leitor deve evitar a armadilha presente no escrito do romancista: a idealização da ordem oligárquica, camuflada pelo elogio da sua integração com natureza.⁵⁶ O verdadeiro interesse de Lins do Rego e Bello foi a ressurreição de uma estrutura social que estava num estado de desintegração. Eles construíram críticas da mudança social em termos paisagísticos pela mesma razão de Freyre: por que o conceito ligou seus interesses na cultura, poder, e tradição à sua expressão material e espacial. Amavam a terra por que, como Bello escreveu, “*a terra conferia foros de nobreza.*”⁵⁷

Bello e Lins do Rego sofreram das mesmas ansiedades de Freyre sobre as implicações da perda de poder das famílias senhoriais. Enquanto o poder tradicional dos senhores erodia, avaliaram Bello e Lins do Rego, também erodiria o balanço “natural” da região açucareira. Num trecho revelador, Bello admite: “*A mim, poucas coisas interessavam tanto a minha sensibilidade como ver um velho escravo dos raros que subsistem.*” Continua, “*Vendo-os, recordo com íntima saudade aqueles que conheci, criança, atrelados ao serviço do engenho como bois e burros.*”⁵⁸ A visão de um velho escravo lembra para Bello um tempo intato enquanto ordem social, inclusive a subjugação de Africanos. Mas a “industrialização” das terras tornou obsoletas as práticas agrícolas familiares, juntamente com as relações sociais a que estavam ligadas. Bello lamenta que o engenho “*não era aquilo mais a miniatura de um reinado, e sim já a miniatura de seu próprio passado.*”⁵⁹

⁵⁵ Trigo presume que Lins do Rego aprendeu essa perspectiva de Freyre. TRIGO, Luciano. *Engenho e memória: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, pp. 218-219.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ BELLO, Júlio. *Memórias*. Op. cit., p. 179.

⁵⁸ Idem, p. 217.

⁵⁹ Idem, p. 179.

Uma perspectiva semelhante emerge em *Menino de engenho* quando o narrador lembra sua reação quando menino aos trabalhadores e moradores do engenho de seu avô. “O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos.”⁶⁰ Esse trecho capta a essência do termo conveniente de Moema Selma D’Andrea para o espaço da visão regionalista de Freyre, Lins do Rego, e os colegas: um “*ecossistema patriarcal*.”⁶¹ Para entender o pensamento geográfico de Freyre, é essencial compreender o sentimento, que ele compartilha com alguns contemporâneos, das ligações entre esse “ecossistema”—ou paisagem— e tradição, história, e memória: um passado quase construído mas enraizado no imaginário coletivo de um classe.

O conteúdo geográfico das obras de Freyre da década de 30

As grandes obras de Freyre são bem-conhecidas. Os primeiros livros importantes tratam da história do Brasil do período de colonização até o meio do século XIX. *Casa-grande e senzala*, publicada em 1933, é um texto impressionante que descreve a criação da cultura “autêntica” do Brasil durante o período colonial, um processo híbrido e rico. *Sobrados e mucambos*, de 1936, documenta a decadência dessa sociedade e o tom do livro muda para perda e amargura.⁶² Com esses livros, Freyre reorientou a discussão sobre os sentidos da nação, a significância de

⁶⁰ RÊGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 83a e. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 116.

⁶¹ D’ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p. 58.

⁶² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 9a Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.

raça, e a formação do patrimônio cultural do Brasil. *Casa-grande*, como colocou Carlos Guilherme Mota, representou uma “*ruptura com a abordagem cronológica clássica*” e “*teve o peso de uma denúncia do atraso intelectual, teórico, metodológico, que caracterizava os estudos sociais e históricos no Brasil.*”⁶³

Embora os primeiros livros tratem do Nordeste, Freyre os representou como investigações do Brasil como um todo. Ele descreveu *Casa-grande* como um estudo da “*formação e desintegração da sociedade patriarcal no Brasil,*” e *Sobrados e mucambos* tratou dos processos que “*caracterizaram a formação do nosso patriarcado rural e, a partir dos fins do século XVIII, o seu declínio ou o seu prolongamento no patriarcado menos severo dos senhores dos sobrados urbanos e semi-urbanos.*”⁶⁴ Na sua obra, o Nordeste tornou-se uma metonímia da nação como um todo; de fato, Freyre apresentou o pequeno pedaço do Nordeste tradicionalmente devotado à cultura de açúcar como o verdadeiro berço da civilização e cultura do Brasil. Então, ao mesmo tempo que ele delineou diferenças entre as grandes regiões da nação, também diferenciou entre o litoral e o interior do Nordeste.⁶⁵ As histórias e legados específicos da Zona da Mata foram tratados como uma cultura nacional nos livros. Ele chamou o Nordeste a mais endogâmica região, onde “*o espírito, o sal, o tempero mais vivo*” de “*brasilidade*” foram melhor preservados.⁶⁶ Freyre argumentou que as características da zona açucareira de Pernambuco

⁶³ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira, (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977, pp. 29-30.

⁶⁴ A primeira caracterização vem da edição inglesa do livro: FREYRE, Gilberto. *The Masters and the Slaves: A Study in the Development of Brazilian Civilization*. 2nd English ed, trans. Samuel Putnam. New York: Alfred A. Knopf, 1963, p. xi. A segunda vem do prefácio à primeira edição do livro: FREYRE, Gilberto. *Sobrados*. Op. cit., p. xxi.

⁶⁵ Vários são os acadêmicos quem observam que Freyre apresenta o Nordeste como uma cifra da nação. Para um exemplo muito cedo, ver a citação de Lewis Hanke em baixo. No entanto, eles tendem não reconhecer o seu interesse esmagador na zona da mata especificamente. Ver, por exemplo, ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *Invenção do Nordeste*. Op. cit., pp. 86 e 88; MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. Op. cit., pp. 56-58. Na introdução ao *Nordeste*, Freyre chama atenção à distinção entre a zona açucareira e a zona semiárida. FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Op. cit., p. 17.

⁶⁶ FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Op. cit., p. 193.

“constituíram os elementos mais típicos da paisagem brasileira, física bem como social.”⁶⁷ Para ele, a cultura foi captada por, expressa através de, e moldada pelo ambiente. Podemos supor que ele começou a pensar nessas linhas durante seu tempo com Franz Boas, mas continuou pesquisando e perseguindo outras referências. Um tema importante da sua obra foi a representação da paisagem, seus aspectos físicos e sociais, produzindo o que na essência foi um argumento sobre o caráter da região, que ele considerava quintessencialmente brasileira.

Freyre começa *Casa-grande* com um relato minucioso do meio ambiente que os portugueses encontraram no início do período colonial. Ele discute o solo—“áspero, intratável, impermeável...rebelde à disciplina agrícola.”—e as dificuldades que criou para os colonizadores. “Neste ensaio,” anotou, “o clima a considerar é o cru e quase que todo-poderoso aqui encontrado pelo português em 1500.”⁶⁸ Nesse sentido, o método de Freyre tem uma semelhança com a abordagem dos historiadores da *Annales*. E de fato, num prefácio de *Nordeste*, Freyre refere a uma idéia do “jovem e já notável sábio francês” Fernand Braudel: que, na prática de geógrafos, fatores sociais são balançados com o físico (quer dizer, condições ambientais).⁶⁹ (Braudel, por sua vez, escreve que os livros de Freyre foram “ricos de substância e de ideias—ao total, singularmente inovadores.”)⁷⁰ Em *Sobrados e mucambos*, Freyre muda para urbanização no século XIX e seu foco transfere para a casa. Mas as preocupações continuam sendo ambientais de uma certa maneira. Referindo-se aos historiadores alemães Gustav Schmoller e Oswald Spengler, Freyre enfatiza “a influência da casa, com tudo que ela representa de ‘economia’—e, poderia ter acrescentado, como meio de adaptação ecológica do homem ao meio—à influência da raça e à capacidade desta persistir...dentro de estilos diversos de habitação e de vida e de climas diferentes.” Ele continua a

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Masters and Slaves*. Op. cit., p. xi. Prefácio à primeira edição inglês.

⁶⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo I. Op. cit., pp. 16-17.

⁶⁹ FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Op. cit., p. 23.

⁷⁰ BRAUDEL, Fernand. “A Travers un Continent d’Histoire: Le Brésil e l’oeuvre de Gilberto Freyre,” extrait du tome IV, *Mélanges d’Histoire Sociale* (Paris, 1943), p. 1. Mota cita um comentário de Braudel, que Freyre é, “de todos os ensaístas brasileiros [é] o mais lúcido.” MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. Op. cit., p. 59.

afirmar que o brasileiro “*é um tipo social em que a influência da casa se acusa ecológica e economicamente em traços da maior significação.*”⁷¹

O ambiente, então, ocupa um lugar crucial nessas obras. Depois, com o livro *Nordeste* de 1937, Freyre centrou seu foco inteiro na “natureza” da zona açucareira do Nordeste. Freyre descreve o livro como “*uma tentativa de estudo ecológico do Nordeste*” de cana. “*Impossível afastar a monocultura de qualquer esforço de interpretação social e até psicológica que se empreenda do Nordeste agrário,*” escreve.⁷² Ele havia criticado a monocultura em *Casa-grande*, argumentando que “*Nada perturba mais o equilíbrio da Natureza que a monocultura,*” e expande e aprofunda essa perspectiva em *Nordeste*.⁷³ Grande parte do livro é uma acusação das usinas devoradoras que teriam cometido assaltos brutais contra “*a natureza por [açúcar] degradada aos últimos extremos.*”⁷⁴ *Nordeste* tem muitos paralelos com os livros anteriores e apesar da perspectiva explicitamente “ecológica” parece em muitos respeitos uma metáfora estendida da história social e cultural do Nordeste. Ele usa a mesma linguagem de violência e sexo: “*o drama da monocultura*” que “*nunca foi mais violento nos seus começos*”; rios “*prostituídos*” por açúcar; e o canavial que “*desvirginou todo esse mato grosso do modo mais cru.*”⁷⁵

Com vários argumentos semelhantes com os livros anteriores, esse estudo também tem fraquezas em comum com eles. O proeminente historiador norte-americano Lewis Hanke chamou atenção para algumas na época da publicação. Correspondente de Freyre de longo prazo, escreveu uma resenha de *Nordeste* para a *Revista Hispânica Moderna* em 1939. Ele critica a técnica descuidado de citação e acusa-o de não citar partes importantes de referências. Ele continua que Freyre “*ha basado su descripción de la vida brasileña fundamentalmente en la vida de Pernambuco. Por eso, los críticos de otros estados*

⁷¹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. Op. cit., pp. xlvi-xlvii.

⁷² FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Op. cit., pp. 17-18.

⁷³ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. tomo I, Op. cit., p. 37.

⁷⁴ FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Op. cit., p. 162.

⁷⁵ Idem, pp. 74, 65 e 73. Analiso o livro nessa maneira no meu livro: ROGERS, Thomas D. *The Deepest Wounds: A Labor and Environmental History of Sugar in Northeast Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

le han acusado de mostrar un estrecho espíritu regionalista” e de presumir que Pernambuco era o mais tipicamente brasileiro de que qualquer outra região.⁷⁶

Num artigo recente sobre as influências no pensamento de Freyre, Thomas Skidmore ressalta a importância de “*dois determinismos: raça e clima.*”⁷⁷ Na época, ambos determinismos eram fortemente ligados no pensamento acadêmico, apesar do fato de alguns estudiosos os separaram. É uma ironia, então, que em estudos retrospectivos sobre Freyre, a tendência é de se concentrar exclusivamente no tema de raça na sua obra e o próprio Skidmore segue esse padrão. Freyre certamente refere-se aos dois determinismos repetidamente e é explícito em sua intenção de desafiar os estudos “*dos que, esquecendo os regimes alimentares, tudo atribuem aos fatores raça e clima.*”⁷⁸ É importante assinalar que Freyre não foi o primeiro de questionar determinismos desses tipos. Sidney Chalhoub tem escrito sobre médicos no século XIX que lutaram contra determinismo racial e climático.⁷⁹ Freyre enfatiza a importância de dieta para as histórias de Portugal e Brasil, afirmando que a “*inferioridade física do brasileiro, em geral atribuída toda à raça ...ao clima, deriva-se do mau aproveitamento dos nossos recursos naturais de nutrição.*”⁸⁰ Os responsáveis para um sistema fraco de colonialismo eram monocultura e latifúndio. Freyre pensava que uma comparação com sociedades escravistas em outras regiões, como as Antilhas ou os Estados Unidos, revelaria a primazia de fatores sociais e econômicos sobre as influências de raça e clima em desenvolvimento social.⁸¹

Apesar de sua convicção nesses pontos, Freyre ainda sentia que o clima e o meio ambiente tinham papéis centrais no desenvolvimento

⁷⁶ HANKE, Lewis. “Gilberto Freyre: historiador social brasileiro”. In: *Revista Hispánica Moderna* 5, no. 2, April 1939, p. 115.

⁷⁷ SKIDMORE, Thomas E. “Raízes de Gilberto Freyre”. In: *Journal of Latin American Studies* 34, 2002, p. 3.

⁷⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo I. Op. cit., p. 45.

⁷⁹ CHALHOUB, Sidney. “The Politics of Disease Control: Yellow Fever and Race in Nineteenth Century Rio de Janeiro”. In: *Journal of Latin American Studies* 25, no 3, 1993, p. 455.

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo I. Op. cit., p. 35.

⁸¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo I. Op. cit., pp. 38e 257; Tomo II, Op. cit., p. 402.

da colonização do Brasil e, por extensão, a sociedade contemporânea do país. Ele elaborou sua posição em relação aos acadêmicos que tinham feito declarações fortes sobre o assunto na época, negociando um caminho cuidadoso entre Ellen Churchill Semple, Ellsworth Huntington, Griffith Taylor, Boas, e outros.⁸² Ele rejeitou Huntington, autor do famoso *Civilization and Climate*, um livro que teve grande influência a partir da década de 1910 e até a década de 1940. Freyre descreve Huntington como um “fanático da ‘influencia de clima.’”⁸³

Freyre também dialoga com Semple, a importante geógrafa da Universidade de California que tem arguido contra conexões determinísticas entre meio ambiente e raça no seu livro *Influences of the Geographic Environment*.⁸⁴ Num trecho interessante de *Casa-grande* ele louva Semple para seu reconhecimento da capacidade especial do português para “hibridização,” que fez possível uma “obra verdadeira de colonização.” Continua ele: “Embora o clima já ninguém o considere o senhor-deus-todo-poderoso de antigamente, é impossível negar-se a influência que exerce na formação e no desenvolvimento das sociedades, senão direta, pelos efeitos imediatos sobre o homem, indireta pela sua relação com a produtividade da terra, com as fontes de nutrição e com os recursos de exploração econômica acessíveis ao povoador.”⁸⁵ Ele não expressa uma posição decisiva relativa à questão da relação homem-ambiente, continuando vacilar entre a importância de complexos culturais-ambientais e a aptidão do Português de fazer novas híbridas culturais. A “intrusão européia” no Brasil, ele escreve, “desfaz-se o equilíbrio nas relações do homem com o meio físico.”⁸⁶ O processo não

⁸² São numerosos as citações Freyre fez desses estudiosos mas ver especialmente *Casa-grande*, tomo I, 9, 13-15.

⁸³ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo II. Op. cit., p. 345. HUNTINGTON, Ellsworth. *Civilization and Climate*. New Haven: Yale University Press, 1915. O livro foi republicado e revisado dez vezes entre a publicação inicial em 1915 e 1948.

⁸⁴ SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System of Anthro-Geography*. New York: Russell and Russell, 1911.

⁸⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo I. Op. cit., p. 15.

⁸⁶ Idem, p. 99.

foi somente humano ou cultural no sentido mais superficial; foi plenamente biológico e teve muito a ver com agricultura. Freyre diz sem rodeios “O açúcar matou o índio,” e pensou que a monocultura de cana continuaria ter consequências perversas para o meio ambiente do Nordeste.⁸⁷

Freyre aprendeu muito de um colega de Semple em Berkeley: Carl Ortwin Sauer, o geógrafo pioneiro e um dos primeiros a explorar o conceito de paisagem. O brasileiro adotou esse conceito, que o denominou ou paisagem ou região, como o geógrafo mesmo fez. Nos anos de 20, Sauer observou que as unidades básicas de geografia—região e área—não tinham especificidade porque eram usados em muitos contextos.⁸⁸ Em 1931, Freyre deu aula na Universidade Stanford, perto de Berkeley, e o ensaio seminal de Sauer, ao que Freyre refere—“The Morphology of Landscape”—foi publicado em 1925.⁸⁹ É provável, então, que ele tenha encontrado a obra do geógrafo naquele período. Ele conheceu Sauer cara a cara numa conferência na Universidade de Michigan em 1939 e escreve sobre ele, “*Considero-o uma das maiores figuras de homem de ciência.*” “*Estou de acordo com Sauer,*” continua ele, “*quando escreve no seu Morphology of Landscape e quando diz nas suas conferências: ‘A good deal of the meaning of area lies beyond scientific regimentation’*”. Nesse ensaio Sauer proveu uma definição da paisagem, dizendo, “*O conteúdo de paisagem é encontrada nas qualidades físicas de área que têm significância para o homem, e nas formas de seu uso da área, nos fatos do meio físico e fatos de cultura humana.*”⁹⁰

Freyre percebeu no método de Sauer um tratamento balanceado de forças ambientais e culturais, a influência de clima e os efeitos de

⁸⁷ Idem, p. 172.

⁸⁸ SAUER, Carl Ortwin. “The Morphology of Landscape”. In: LEIGHLY, John (ed.). *Land and Life: A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkeley: University of California Press, 1967, p. 321.

⁸⁹ NEEDELL, Jeffrey D. “Identity, Race, Gender”. Op. cit., p. 54.

⁹⁰ SAUER, Carl Ortwin. “Morphology of Landscape”. In: LEIGHLY, John (ed.). *Land and Life: A Selection of the Writings of Carlos Ortwin Sauer*. Ed. by John Leighly. Berkeley: University of California Press, 1962, p. 325.

usos da terra de longo prazo. Ele pensava em Sauer como um estudioso que entendeu a importância da *“harmonia da paisagem.”*⁹¹ E, de fato, o sociólogo era muito preocupado com a *“área além da ciência.”* Usando as palavras de Sauer, ele escreve que a *“harmonia”* entre uma sociedade e uma paisagem é uma *“expressão cultural”* mais do que a *“imposição da natureza.”* A área além da ciência, pensou Freyre, na realidade abrange ciência, cultura, e história. *“Sauer afirma da ‘melhor geografia,’* ele escreve, *“o que poderia dizer da ‘melhor sociologia’ regional ou ecológica: que nunca despreza as ‘qualidades’ de uma paisagem.”* Freyre aponta para a abordagem abrangente necessária para entender o balanço delicado entre sociedade e terra. *“A natureza regional tende...a fazer o homem, o grupo, a cultura humana à sua imagem,”* ele observa, *“mas, por sua vez, o homem, o grupo, a cultura humana agem sobre a natureza regional, alterando-a de modo às vezes profundo.”*

O balanço entre forças naturais e humanas, na visão de Freyre, foi alcançado no longo prazo e pode ser rompido. Ele estava desconcertado pelo rompimento do balanço no contexto da zona açucareira do Nordeste, e Nordeste foi um grito contra *“a deformação tão grande do homem e da paisagem pela monocultura.”*⁹² Essa visão das consequências da agricultura açucareira lembra um tema recorrente na obra de Nabuco. Ele escreve que açúcar e escravidão eram uma *“fábrica de espoliação”* que foi *“um flagelo que imprimiu na face da sociedade e da terra todos os sinais da decadência prematura.”*⁹³

O projeto de forjar uma paisagem discursiva

Pensando nas viagens registradas no diário de Freyre — o episódio no Rio Una e o seu senso de outro momento em história, a reação à experiência com Lins do Rego na zona da mata norte — emerge uma imagem de Freyre acessando o passado através de imaginação e *déjà-vu*. Ele viu suas memórias vagas (e construídas) como produtos de

⁹¹ FREYRE, Gilberto. Nordeste. Op. cit., p. 26.

⁹² Idem, p. 162.

⁹³ NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 158.

uma história comum ou coletiva, trazidas ao presente em parte através da persistência da paisagem. Por isso, foi importante para ele comungar com paisagens “típicas” e “autênticas,” como o engenho do amigo Pedro Paranhos, ou as terras da família de Lins do Rego.

Nas suas meditações sobre Proust, inspiradas pela visita ao Rio de Janeiro em 1926, Freyre menciona um senso de “*fluidez e de movimento*” e a projeção do passado no presente. Essas qualidades se tornaram centrais na sua abordagem à história colonial e seus legados em *Casa-grande*. Ele descreve as heranças diretas de Ibéria medieval na experiência colonial brasileira e projeta os legados do período colonial para o Brasil contemporâneo. Seu abraço auto-consciente das coisas “mais brasileiras” de Pernambuco, a *déjà-vu* na Zona da Mata, a sensação de um passado coletivo no Rio de Janeiro — tudo prevê seu técnico em *Casa-grande* e os livros seguintes. Ele começa cedo no volume, escrevendo que “o caráter português dá-nos principalmente a idéia de ‘vago impreciso’...e essa imprecisão é que permite ao português reunir dentro de si tantos contrastes.” No meio do livro, Freyre escreve sobre Ibéria (e os colonizadores que de lá viajaram) “foi intensa a mobilidade e livre a circulação por assim dizer de uma raça a outra; e, literalmente, de uma classe a outra. De uma a outra esfera social.”⁹⁴

Para Freyre, o passado coletivo do Português foi uma fonte disponível para improvisação cultural no Brasil. Ele anotou no diário um comentário sobre Proust que certos elementos culturais movem fluidamente através do tempo “desde que não há passado fixo.”⁹⁵ Encarado com os desafios do Brasil, Freyre escreve, os portugueses retrocederam “à era feudal, revivendo-lhe os métodos aristocráticos na colonização da América.”⁹⁶ Como isso aconteceu, e como Freyre viu o passado influenciando o presente, é explicado em parte num trecho do início de *Sobrados e mucambos*. Referendo à ocupação de quarto século dos holandeses em Pernambuco, Freyre escreve que o período, “ficando

⁹⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Op. cit., pp. 8 e 252.

⁹⁵ FREYRE, Gilberto. *Tempo morto*. Op. cit., p. 258.

⁹⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Op. cit., p. 210.

daquela aventura de diferenciação uma lembrança quase de sonho; o ‘tempo dos framengo,’ de que ainda hoje a gente do povo fala para explicar o excepcional, o extraordinário, o maravilhoso, o quase diabólico... Uma espécie de ‘tempo dos mouros’ em Portugal.”⁹⁷ As experiências de 300 anos antes com os holandeses e as experiências de 500 anos antes com os mouros abastecem as memórias coletivas dos brasileiros de Freyre. Seu próprio *déjà-vu* de um passado patriarcal na zona da mata sul contribuiu ao desenvolvimento dessa perspectiva.

Além de enfatizar fluidez, imprecisão, a adaptabilidade e abertura do Português, e a persistência dessas feições através da continuidade lingüística e a memória coletiva, Freyre assinala o papel do ambiente em facilitar o desenvolvimento e estabilidade da cultura brasileira. Como a língua, a paisagem era um elemento confiável do passado e presente da sociedade. Ele escreve sobre o “abrasileiramento” de escravos africanos na colônia, a modificação da sua “*plástica moral e é possível que também a física,*” pela influência do “*meio físico. A qualidade e o regime da alimentação. A natureza e o sistema de trabalho.*”⁹⁸ Mesmo quando ele não concede um papel concreto para o meio ambiente, Freyre cria uma atmosfera de importância ambiental por meio de imagens e metáforas. Por exemplo, escreve que o Português “*não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massapé.*” Ele celebra a sensualidade e atração de “*cor das melhores terras agrícolas da colônia. Mulheres cor de massapé e de terra roxa.*”⁹⁹ Até em Nordeste, o “estudo ecológico,” ele escreveu trechos longos para descrever os aspectos culturais da “civilização do açúcar”: a aristocracia, mulheres banhando nos rios, listas sem fim de doces preparados nas casas grandes nobres dos canaviais.¹⁰⁰

⁹⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados*. Tomo I. Op. cit., p. 6.

⁹⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande*. Tomo II. Op. cit., p. 382.

⁹⁹ Idem, pp. 333 e 386.

¹⁰⁰ FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Op. cit., pp. 57, 46 e 148. Freyre usa o termo “civilização do açúcar” na sua introdução à autobiografia de Nabuco. “Introdução”. Op. cit., p. 10.

A fusão de características culturais e geográficas derivou em parte de seu abraço do conceito saueriano de paisagem—um todo composto de elementos humanos e “naturais.” Se acreditamos em Freyre, antes mesmo de ter lido Sauer ele demonstrou um interesse nos entornos da sociedade. Na introdução de *Tempo de aprendiz*, uma coleção de artigos e ensaios das décadas de 1910 e 1920, Freyre alegou que já nos escritos tão velhos pode discernir uma tendência “*que depois se classificariam como ecológicos.*” Como um “*adolescente entusiasta de verdes, de árvores, de paisagens características,*” Freyre escreve, foi “*Desejoso de harmonização do homem com o meio ou com o ambiente. Inclusive do brasileiro com o Brasil e do brasileiro do Nordeste com o Nordeste.*”¹⁰¹

Com a sua sociedade atual faltando “harmonia” com a natureza, Freyre buscou construí-la através do passado. Com a publicação de *Casa-grande e senzala*, *Sobrados e mucambos*, e *Nordeste*, Freyre reuniu um grupo de ferramentas para “recriar” natureza, e para mistificar a conexão entre sociedades e ambientes. Ele enfatizou o meio ambiente tanto em termos “científicos” e metafóricos, ele citou geógrafos modernos, e ele usou história em maneiras incomuns. Com essa abordagem, Freyre poderia aplaudir um passado mítico através de sua crítica da traição contra uma paisagem de harmonia. Assim, ele enraizou suas ideias sobre poder e tradição num espaço físico, naturalizando as ligações entre relações de poder e o meio ambiente.

Recebido em: 01/07/2011

Aceito em: 23/02/2012

¹⁰¹ FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz*. Op. cit., p. 33.